

ESTE SUPLEMENTO COMERCIAL É DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DO DEPARTAMENTO COMERCIAL DA MEDIALIVRE. FAZ PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº 16361 DO CORREIO DA MANHÃ E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



Os melhores projetos do país para a floresta

A CERIMÓNIA DA 4ª EDIÇÃO DO PRÉMIO FLORESTA É SUSTENTABILIDADE, UMA INICIATIVA DA BIOND EM ASSOCIAÇÃO COM O CORREIO DA MANHÃ E O NEGÓCIOS, COM O APOIO DA PWC, DISTINGUIU A EXCELÊNCIA INDIVIDUAL E O COMPROMISSO COLETIVO COM A GESTÃO ATIVA E SUSTENTÁVEL DAS NOSSAS FLORESTAS, COMO REFERIU ANTÓNIO REDONDO, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BIOND – FOREST FIBERS FROM PORTUGAL. A 4.ª EDIÇÃO RECEBEU A CANDIDATURA DE 56 PROJETOS, E FORAM ATRIBUÍDOS 13 PRÉMIOS EM QUATRO CATEGORIAS, ENTRE VENCEDORES E MENÇÕES HONROSAS.

PRÉMIO Floresta é Sustentabilidade

Uma iniciativa:



4ª EDIÇÃO

Plantar o futuro, hoje.

Decorreu a cerimónia da 4ª edição do Prémio Floresta e Sustentabilidade, uma iniciativa Biond em parceria com Negócios e Correio da Manhã.

Faça parte do futuro!

Saiba mais em premioflorestasustentabilidade.pt



PUBLICIDADE

CM Iniciativas

4ª EDIÇÃO DO PRÉMIO FLORESTA É SUSTENTABILIDADE

BIOND INVESTE 15 MILHÕES NA FLORESTA

Investimento Os quatro programas operacionais são desenvolvidos pela associação com produtores florestais e comunidades rurais para mostrar que a floresta bem gerida aumenta a produtividade, o rendimento e a resiliência.

Filipe S. Fernandes

O território rural e florestal está esquecido, mas é uma vasta maioria no país. “Quando se veem telejornais, quando se lê a imprensa escrita, fala-se muito das cidades, dos grandes centros urbanos, mas equivalem apenas a 5% do território de Portugal. Temos as florestas com uma área total de 40%, a agricultura com 26% e os matos com 12%”, salientou Gonçalo Almeida Simões, diretor-geral da Biond, na sua intervenção na cerimónia de entrega da 4.ª edição do Prémio Floresta é Sustentabilidade.

Os associados da Biond detêm 162 mil hectares, ou seja, 5% da floresta nacional. “Quando se olha para o mapa de Portugal com a ocupação do território vê-se uma mancha verde que é sobretudo floresta e uma grande área de interior a precisar muito do que é a coesão social e territorial”, sublinhou.

A floresta portuguesa tem como espécies dominantes o pinheiro-bravo com 29%, o eucalipto com 27% e o sobreiro com 18%.

Para Gonçalo Almeida Simões, há seis temas prioritários numa nova pti-

ca pública florestal. O primeiro é a limitação da área disponível para produção e as restrições a espécies e à área rearborizável, que é um constrangimento ao desenvolvimento florestal. O segundo relaciona-se com a “fragmentação e a ausência do cadastro com uma média, em termos de minifúndio, de 3,7 hectares”.

O terceiro tem que ver com a ausência de gestão ativa, o que é visível na extensão de áreas abandonadas. Depois, em quarto lugar, “os apoios públicos são pontuais, de eficácia reduzida e com um grau de elevada complexidade processual e burocrática”. Deste quadro “resulta o défice social de talento nas zonas rurais e, relativamente, às alterações climáticas, surgem os desastres naturais e as secas, que assolam cada vez mais o território potenciando depois o seu abandono”, salientou o diretor-geral da Biond, que defende mudanças.

Bom acordo setorial

Gonçalo Almeida Simões afirmou que o anterior governo tinha iniciado as



Gonçalo Almeida Simões, diretor-geral da Biond, lembrou que a maioria do território é “mancha verde”

negociações com as três fileiras, eucalipto, pinho e sobreiro, relativamente ao que seria um acordo setorial. “No cenário de um bom acordo setorial atingiríamos uma maior resiliência para a floresta, mais exportações das indústrias associadas, mais emprego e mais sequestro de CO2.

Já no cenário oposto, “seria o status quo, com menos produtividade, mais incêndios rurais, menos valor para indústria associada e também menos coesão social e menos dinamismo nas regiões florestais em Portugal”, avisou o diretor-geral da Biond.

A transformação da floresta assenta nos três pilares da sustentabilidade. No pilar económico, com um novo cenário de mais investimento, poder-se-ia, através

de intervenções muito específicas na floresta, aumentar a produtividade e o rendimento, duplicando o seu valor económico. O que poderia reduzir as “importações de matéria-prima, que é um dos grandes problemas da nossa indústria, promover o emprego ao

nível da população rural e garantir a segurança de pessoas e bens, com redução de incêndios florestais”, observou o responsável.

“Em termos ambientais, com mais nova e melhor floresta, o cumprimento dos objetivos de descarbonização em relação ao sequestro de carbono seria superior.”

Entre 2019 e 2024, houve um investimento da Biond por via das suas associadas de 14,2 milhões de euros numa área total de 72 mil hectares, 42 mil parcelas, 8 mil beneficiários. Estão a intervir em seis regiões em Portugal (Norte Litoral, Centro Litoral, Coimbra, Centro Interior, Oeste, Sul Litoral), entre outros. Têm quatro programas operacionais: Limpa e Aduba, Replantar, Recuperação de Ardidos e Melhor Floresta. “Quando se faz uma intervenção e se contacta com os proprietários, melhora-se em termos técnicos e de gestão e a floresta fica mais produtiva e mais resiliente. A conclusão que se pode tirar é que uma floresta não gerida ou abandonada tem consequências graves para o país, enquanto uma floresta bem gerida e com gestão ativa e boa do ponto de vista técnico traz vantagens ao país”, concluiu Gonçalo Almeida Simões.

LEIS DO SETOR CRIAM TAMPÃO CONTRA O GREENWASHING

Regulação Portugal evoluiu muito na área da sustentabilidade, nomeadamente num quadro jurídico protetor, mas ainda há muito a fazer, lembrou, na sua intervenção, a jurista Assunção Cristas, presidente do júri do Prémio Floresta é Sustentabilidade.

O balanço do que está a ser feito na área da sustentabilidade, a nível de medidas legislativas, é positivo, mas ainda “há muito caminho que está a ser feito e todos os stakeholders têm um papel a desempenhar”, lembrou a jurista e professora universitária Assunção Cristas, durante a cerimónia de entrega de prémios da 4.ª edição do Prémio Floresta é Sustentabilidade, de que é presidente do júri. O prémio, que distingue associações e organizações florestais, escolas e jornalistas com projetos dirigidos à floresta sustentável, é uma iniciativa da associação sem fins lucrativos Biond – Forest Fibers from Portugal, em parceria com os jornais da Medialivre Correio da Manhã e Negócios, e que conta ainda com o apoio da PwC.

A evolução que houve no setor florestal em Portugal é assinalável, como recordou a ex-ministra da Agricultura (foi titular da pasta entre 2011 e 2015). “É bem visível no conjunto de legislação que temos aprovada, em vigor, com obrigações claras, mas também com direitos. Basta olhar para a Lei do Clima e para a Lei Europeia do Clima, para a legislação que obriga as empresas a fazerem relatos sobre os vários pilares da sustentabilidade em que se inclui o ambiental, mas também o social e os direitos humanos”, explicou Assunção Cristas.

Sócia da firma Vieira de Almeida Advogados e professora na Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, na qual leciona Direito e Sustentabilidade, entre outras cadeiras, observa que estes temas estão muito mais presentes e, “algumas empresas, antes mesmo que surja a lei e lhes seja aplicável, já estão preocupadas e prontas a executar as obrigações”. E assinalou que muita da legislação publicada se destina a evitar o greenwashing e conseguir “separar o que está a ser bem feito do que é só uma maquiagem

de coisas que na sua materialidade não estão bem”. A sociedade foi criando vários tabus sobre as florestas, o que não ajudava ao reconhecimento do setor, referiu. “Hoje é mais visível, tem uma parte de organização, a Biond, que representa isso mesmo, muito sofisticada, virada para o exterior, com processos muito profissionais, competitiva e bem organizada.”

Mas não deixa de assinalar que, em termos comunicacionais, a floresta mantém alguma invisibilidade. “Este século e este tempo são do capital natural e da natureza, e é a altura de olhar para dimensões que eram menos valorizadas e mais esquecidas. Por isso, antevejo um bom futuro para a área da floresta e por isso vai ter mais visibilidade”, afirmou.

No novo governo, que tomou posse em 2 de abril passado, a Secretaria de Estado das Florestas regressa ao Ministério da Agricultura, mas deixa de conter a Conservação da Natureza. Para Assunção Cristas, isto não significa, por si só, alguma coisa. “As florestas estarem na Agricultura parece-me uma escolha natural, ajuda muito porque as políticas europeias agrícolas têm um grande impacto na área florestal e são tratadas em conjunto em termos europeus”.



Assunção Cristas, presidente do júri

OURO VERDE OCUPA UM TERÇO DO TERRITÓRIO NACIONAL

Expansão Há cerca de cem anos, a área estimada de florestas ocupava 7% de Portugal, hoje representa cerca de cinco vezes mais, o que equivale a um terço do território português, assinalou o presidente da Biond.

O equilíbrio entre o que se produz, conserva e aproveita da floresta é um objetivo que o setor persegue, cada vez mais. “Falar de floresta é falar de sustentabilidade. Em Portugal, significa falar de floresta plantada porque é a esmagadora maioria que temos no país e é também por isso que deve ser ativamente gerida, segundo padrões cada vez mais rigorosos, com vista ao cumprimento das suas importantes funções económicas, ambientais e sociais que precisamos”, afirmou o presidente da Biond, António Redondo, durante a cerimónia de entrega de prémios da 4.ª edição do Prémio Floresta é Sustentabilidade, uma iniciativa da Biond em parceria com o Correio da Manhã e o Negócios, que conta com o apoio da PwC.

Há cerca de cem anos, a área estimada de florestas ocupava 7% de Portugal, hoje representa cerca de cinco vezes mais, o que equivale a um terço do território português. “É um crescimento por ação humana, deve-se à sua iniciativa de plantar florestas, de industrializar os seus produtos, agregando-lhe assim maior valor e de em ambas as atividades tirar rendimento. A valorização económica dos produtos de base florestal fomentada pela indústria está na origem desta expansão de área”, referiu António Redondo, que sublinhou a importância da proteção das florestas naturais, “muito escassas em Portugal”. O valor da floresta implica também a gestão ativa, “que garanta a promoção dos diversos pilares da sustentabilidade: o ambiental, o económico e o social e ainda os valores culturais. É a forma mais adequada de defender o seu futuro também como um bem comum.”

As associações de produtores

Na sua intervenção, António Redondo sublinhou o papel do conhecimento para



António Redondo, presidente da Biond, defendeu a “gestão ativa” da floresta

sustentabilidade da floresta, que assenta numa intensa atividade de I&D e na produção de conhecimento protagonizada pela indústria, pela academia e por diversas instituições, entre as quais se encontra a Biond. É o conhecimento de base científica que faz das florestas “protagonistas na transição de uma bioeconomia linear baseada em recursos fósseis e finitos e importante geradora de resíduos, por isso sem futuro, para uma nova bioeconomia circular assente em recursos renováveis, neutra em relação ao clima, positiva para a natureza”.

Mais floresta significa não desperdiçar áreas com potencial – como é o caso dos matos que representam 12% do território – e que podem ser uma fonte de enriquecimento económico, social e ambiental.

Melhor floresta significa ter gestão ativa, mais produtiva, que tanto aposta na valorização económica dos seus produtos, como a madeira, a cortiça ou a resina, mas também no sequestro de carbono, no fomento da biodiversidade, na proteção e criação de solos, na regulação de regimes hidrológicos ou na criação de espaços de lazer e cultura, concluiu.

PROMOVIDO POR

PRÉMIO
Floresta é
Sustentabilidade

Uma iniciativa

Biond

CORREIO

negocios

CM Iniciativas

JORNALISMO TV

Vencedor Manuel Portugal, jornalista da TVI

“CASAS SEM PESSOAS E FLORESTAS SEM PROJETOS”

“Tenho a sorte de trabalhar numa redação com jornalistas e repórteres de imagens muito experientes no que toca aos assuntos das florestas e dos incêndios”, explicou Manuel Alegre Portugal, jornalista da TVI que fez a reportagem televisiva vencedora e contou com a colaboração de Marco Andrade. O jornalista concluiu que “a floresta pode ser mais rentável, se for mais cuidada e pode oferecer menos riscos”. Portugal tem “um território desequilibrado, com uma vasta área de território que não tem pessoas e uma floresta um pouco abandonada”.

Menção Honrosa Daniela Santiago, RTP

A IMPORTÂNCIA DO PINHAL-BRAVO

“O valor do Pinhal-Bravo” de Daniela Santiago, editora de Ambiente e Ação Climática da RTP, teve por base um estudo pioneiro pelo Centro Pinus, que revelava o valor e a importância do pinheiro-bravo no território português, a necessidade de gestão da floresta de pinho e a sua importância para a biodiversidade, pois alberga 5 a 10% de flora especial e única. “Foi uma reportagem simples de fazer pelo contacto que tive com os diferentes profissionais, pelo contacto que tive com o pinhal-bravo como editora de Ambiente e Ação Climática da RTP, a única televisão portuguesa que tem esta editoria”, disse Daniela Santiago.

JORNALISMO IMPRENSA ESCRITA

Vencedor João Luís Campos, Diário de Coimbra

O REGRESSO DA FLORESTA A PEDRÓGÃO

Na reportagem “Limpeza e replantação em Pedrógão Grande são sinal de esperança”, o diretor-adjunto do Diário de Coimbra, João Luís Campos, foi ao terreno para perceber o que estava a acontecer com a reflorestação depois dos grandes incêndios de junho de 2017. “Falámos com as pessoas, com os proprietários, com os empresários e todos eles destacaram de facto esta parceria entre a Biond, as empresas locais, as associações dos produtores florestais e o trabalho em conjunto que já se vê no terreno. As coisas estão a acontecer e é possível fazer diferente”, afirmou João Luís Campos.

Menção Honrosa Aline Flor, Público

UMA HISTÓRIA DE ÁRVORES CENTENÁRIAS

Este trabalho contou a história de três gigantes verdes de Portugal, tendo sido escolhidos três quercus: um sobreiro, um carvalho-alvarinho e um carvalho-cerquinho, que têm centenas de anos. “Contamos um pouco da vida social destas árvores. Por um lado, os animais, as plantas, os seres vivos que a habitam e fazem parte do ecossistema, mas também a vida social que fazem com as populações à sua volta. Muitas vezes as pessoas unem-se para salvar estas árvores já muito antigas. Por outro lado, valorizar o que estas árvores trazem para estas comunidades”, explicou Aline Flor, jornalista do Público. A imagem e o vídeo de Tiago Bernardo Lopes detalham as copas, os troncos, as raízes, os musgos, os bichinhos, sendo guiados por João Gonçalo Soutinho, um biólogo que nos fala sobre porque é que temos de valorizar e apreciar estes gigantes verdes da natureza.



Manuel Portugal



Daniela Santiago



João Luís Campos



Aline Flor

ESCOLAS

Vencedor

Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos (EPADRV) e Cister, Alcobça

PERCURSOS VERDES E CABRAS SAPADORAS

É uma escola profissional nas áreas da agricultura e da restauração e tem uma exploração agropecuária com cerca de 28 hectares, com produção vegetal e animal, setor de mecanização e de restauração. O percurso verde EPADRV, hoje aberto à comunidade, nasceu como o projeto de uma turma do curso técnico de Recursos Florestais Ambientais para o Dia da Floresta Autóctone, em que se procedeu ao levantamento e caracterização das árvores autóctones da escola. Por sua vez, o projeto das cabras sapadoras surge para juntar a produção animal com a floresta, tendo-se feito desbaste do material vegetal de maior porte de modo que os animais pudessem circular. Foi feita também uma limpeza para se poder implementar a vedação para salvaguardar os animais. Hoje dispõem de 1,6 hectares de área vedada com um efetivo de seis cabras sapadoras e das suas crias. Segundo Paula Malojo, diretora da EPADRV, “associamos a estes dois projetos um circuito de manutenção com equipamentos para a atividade física e um circuito de orientação que os visitantes também podem fazer”.



Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Cister, Alcobça

ESCOLAS

Menção Honrosa Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos (EPADRV)

INVESTIR EM TECNOLOGIAS VERDES

A Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos foi fundada em 31 de agosto de 1990. Em 2000 passou a integrar a rede de estabelecimentos de ensino oficial do Ministério da Educação. “Somos amigos, por isso investimos em tecnologias verdes”, dizia Jorge Martins, técnico de manutenção industrial no vídeo enviado a concurso.

Menção Honrosa Escola Profissional de Vila do Conde

O PROJETO MONSTRO LIXO

Desde 2021 que a escola desenvolve o projeto Monstro Lixo, que é uma iniciativa de sensibilização ambiental através da construção e exposição de monstros gigantes produzidos com resíduos recolhidos pelos alunos e alunas. O projeto promove os princípios dos três erres – reduzir, reutilizar, reciclar – e envolve a comunidade escolar e o público em geral.

INOVAÇÃO

Vencedor Laboratório da Paisagem

ERRADICAR ESPÉCIES EXÓTICAS INVASORAS

O Laboratório da Paisagem foi fundado em 2014 pela Câmara Municipal de Guimarães, a Universidade do Minho e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e está hoje assente em três eixos de intervenção principais: investigação e educação; gestão de projetos e candidaturas; e comunicação e formação ambiental. O projeto “Sem Invasoras” tem como foco especial a gestão de espécies exóticas invasoras. Tem uma componente de educação ambiental para a capacitação e a sensibilização da comunidade para as espécies invasoras nos ecossistemas.

Menção Honrosa AguiarFloresta – Associação Florestal e Ambiental de Vila Pouca de Aguiar

LIFE MARONESA: GESTÃO DO TERRITÓRIO

O Life Maronesa é um projeto de governação e de informação e ação climática que utiliza a raça maronesa como uma ferramenta de gestão do território através de um modelo diferente do tradicional. “Em vez de uma exportação de nutrientes da montanha para as zonas agrícolas, o criador tem os animais em liberdade na montanha, é esta essencialmente a filosofia do projeto”, explica Duarte Marques, presidente da direção da AguiarFloresta. Acrescenta que existem inovações significativas neste modelo e que vão das manjedouras móveis, as mangas, até às coleiras GPS, passando pela fertilidade dos lameiros, a execução de ações de fogo controlado na montanha para melhorar os pastos, trituração e beneficiação de pontos de água.



Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento Rural de Vagos (EPADRV)



Escola Profissional de Vila do Conde



O Laboratório da Paisagem venceu com o projeto “Sem Invasoras”



A AguiarFloresta – Associação Florestal e Ambiental de Vila Pouca de Aguiar recebeu uma menção honrosa com o “Life Maronesa”

PROMOVIDO POR

PRÉMIO
Floresta é
Sustentabilidade

Biond
CORREIO
negocios

INOVAÇÃO

Menção Honrosa
CoLAB ForestWise

LABORATÓRIO PARA GESTÃO DA FLORESTA E DO FOGO

O CoLAB ForestWise, fundado em 2018, é o laboratório colaborativo para a gestão integrada da floresta e do fogo. “Atualmente é a entidade a nível nacional que concentra mais competências nestes dois domínios”, garante Carlos Fonseca, CTO do Laboratório Colaborativo ForestWise. Do ponto de vista da inovação e da tecnologia conseguiram trazer tecnologia para a inventariação florestal através de aplicações móveis de uma forma mais expedita e de uso mais fácil para os proprietários, dos gestores florestais, das empresas, o que “traz vantagens competitivas muito grandes num trabalho essencial para o conhecimento da floresta”, disse Carlos Fonseca. O outro projeto, que associa inovação e tecnologia, é a digitalização das operações florestais através de sensores acoplados a máquinas de recorte e de recheia, criando vantagens competitivas muito grandes nas operações florestais. “É também uma maneira de contribuirmos de uma forma muito significativa para uma gestão florestal mais sustentada”. Conta dezasseis associados entre empresas, instituições académicas e entidades públicas.



O CoLAB ForestWise recebeu uma menção honrosa com um laboratório para gestão integrada da floresta e do fogo.

CM Iniciativas

ECONOMIA E SOCIEDADE

Vencedor

EMAC - Empresa Municipal de Ambiente de Cascais, E.M. (Cascais Ambiente)

QUINTA DO PISÃO: AO SERVIÇO DA COMUNIDADE

A EMAC, mais conhecida por Cascais Ambiente, presta serviços à Câmara Municipal de Cascais que vão da recolha de resíduos urbanos até à conservação da natureza e a educação e sustentabilidade ambiental entre outras. Nesta dimensão procura responder à questão de “como é que conseguimos cada vez mais promover novos comportamentos e novas atitudes para com a comunidade e sensibilizá-la para as alterações climáticas, o risco de incêndios e as formas de utilização de espaços naturais”, explicou João Cardoso Melo, diretor de Gestão de Estrutura Ecológica da Cascais Ambiente. O exemplo prático desta estratégia é a Quinta do Pisão, cujo projeto de recuperação data de 2011, e com capacidade de estabelecer uma relação com a comunidade sendo um espaço de encontro de famílias, escolas e voluntários. Desenvolvem oficinas da natureza em que participam os alunos das escolas envolvendo cerca de 25 mil alunos por ano. A que crescem mais de 17 mil voluntários que encontram na quinta um espaço de aprendizagem, de intercâmbio e de conhecimento.



A EMAC venceu pelo projeto de educação ambiental Quinta do Pisão

ECONOMIA E SOCIEDADE

Vencedor

Guadimonte - Cooperativa Agrícola Supramunicipal C.R.L.

UMA COOPERATIVA QUE RECUPEROU SOLOS QUEIMADOS

Em agosto de 2021 a região de Castro Marim foi fustigada por um grande incêndio e ardeu uma grande área florestal. Em dezembro foi constituída a Guadimonte por vontade de 12 produtores do Baixo Guadiana. “Depois do incêndio decidimos criar uma cooperativa e avançamos com a recuperação de solos degradados que tinham sofrido o incêndio”, salientou Valter Matias, presidente da Guadimonte. Neste momento têm uma área com cerca de 50 hectares de nova floresta com plantas autóctones como a alfarrobeira e o medronheiro. “Foram um primeiro sinal, uma primeira resposta ao incêndio, mas há vontade em aumentar a área. Há muita área para intervir de uma forma mais organizada, com novas tecnologias e com a incorporação do regadio, com análises de solos, com a introdução de elementos de fertilização”. Contam com o apoio da Universidade do Algarve.



A cooperativa agrícola Guadimonte venceu pelo projeto de recuperar solos queimados pelos incêndios

ECONOMIA E SOCIEDADE

Menção honrosa

Centro do Clima da Câmara Municipal da Póvoa do Varzim

REDE DE BOSQUES PELO CLIMA

Esta instituição foi criada tendo como foco o combate às alterações climáticas e resulta da parceria entre a Câmara Municipal da Póvoa do Varzim e a Associação Biopólis, que agrega a Porto Business School da Universidade do Porto e a Universidade de Montpellier. O seu objetivo é atuar diretamente na comunidade para apoiar a transição energética. O projeto “Os Bosques pelo Clima” pretende criar uma rede de bosques no concelho da Póvoa do Varzim. “Decidimos pegar em áreas relativamente degradadas, em termos florestais, e fazer a sua reabilitação através da preparação e florestação com espécies da nossa flora autóctone”, referiu Sílvia Costa, vereadora do ambiente da autarquia da Póvoa do Varzim.



O Centro do Clima da Câmara da Póvoa do Varzim ganhou uma menção honrosa pelo projeto de criar uma rede de bosques no concelho

O TURISMO DA NATUREZA E O EUCALIPTO

Economia Sem floresta não há turismo em Portugal, reforçaram autarcas e produtores no debate.

“O turismo é muito importante para o nosso território, que tem uma belíssima paisagem natural que se faz com floresta, com água. É necessário que possamos rentabilizar o território para atrair turismo”, afirmou Margarida Guedes, presidente da Associação de Produtores Florestais de Pedrógão Grande. Uma ideia reforçada por António Henriques, presidente da Câmara de Castanheira de Pera: “Sem floresta não teremos turismo, porque a nossa identidade passa pelas áreas florestais, tanto de eucalipto como de espécies autóctones como o castanheiro, a oliveira, o mar-meleiro, o medronheiro”.

José Manuel Gonçalves, presidente da Junta de Freguesia de Alferce, sublinhou o crescimento do turismo na sua região. “Em termos de desenvolvimento florestal, os projetos que estamos a fazer têm por objetivo gerir bem a floresta e têm sido uma alavanca para o desenvolvimento do turismo da natureza, da paisagem”. Mas não vale a pena ter ilusões quanto a uma mudança profunda de hábitos dos produtores. “Desengane-se quem pensa que depois de 2017 vamos deixar de plantar eucaliptos no nosso território”, como referiu o autarca de Castanheira de Pera. “A fileira da resina foi desaparecendo porque perdemos as fábricas de resina, e deixou de ser um negócio interessante do ponto de vista económico. Depois encontraram o eucalipto uma forma de dinamizar economicamente os seus terrenos”, lembrou ainda António Henriques. O que coincidiu com a análise de Margarida Guedes sobre a perda de espaço do pinheiro-bravo num território como Pedrógão Grande, porque a resina perdeu importância económica.

RESGATAR A FLORESTA DAS CINZAS COM O INCENTIVO DA BIOND

INVESTIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES AJUDOU A REFORÇAR O SETOR

Apoio Na mesa-redonda “Floresta: Fazer Acontecer”, autarcas de concelhos atingidos pelos grandes incêndios florestais destacaram a importância de quatro programas operacionais para o setor.

Filipe S. Fernandes

Depois dos grandes incêndios florestais de 2017, os quatro programas operacionais da Biond incentivaram autarcas, produtores e empresários a cuidar do pulmão verde no interior, como referiram os participantes na mesa-redonda, “Floresta: Fazer Acontecer”. O debate aconteceu na cerimónia de entrega de prémios do Prémio Floresta é Sustentabilidade, uma iniciativa da Biond em associação com o Correio da Manhã e o Negócios e com o apoio da PwC.

A Biond é a associação que agrupa as empresas industriais e florestais da pasta, papel, cartão e atividades afins, tendo como associadas a Renova, a D.S. Smith, a Altri e a Navigator. Tem quatro programas operacionais: “Limpa e Aduba”; “Replantar”; “Recuperação de ardidos”; e “Melhor Floresta”, este é um projeto colaborativo englobado na agenda mobilizadora Transform, apoiado pelo Programa de Recuperação e Resiliência (PRR).

“Considero que foi uma espécie de Euromilhões que nos saiu”, afirmou Carlos Rocha, presidente da Junta de Freguesia de Real, no concelho de Castelo de Paiva, referindo-se ao programa “Melhor Floresta”, da Biond, que interveio 170 hectares de floresta em Real.

O autarca explicou que, depois dos incêndios de outubro de 2017, “as empresas que tinham eucaliptos fizeram as limpezas, mas os pequenos proprietários não fizeram nada e

as árvores pareciam cabelos na paisagem”.

Com o projeto “Melhor Floresta”, contrariam-se ideias feitas. “As pessoas estavam convencidas que se tivessem dez pauzinhos num metro quadrado produziam muito, não percebiam que se calhar um eucalipto por metro quadrado é muito mais rentável, o corte é mais fácil e dá mais riqueza aos proprietários”, destacou Carlos Rocha.

Resgatar Monchique das cinzas

A freguesia de Alferce, no concelho de Monchique, tem características de solos e pluviosidade para a produção e exploração florestais. Mas sofreu grandes incêndios em 2003 e em 2018 - este último consumiu 27 mil hectares de floresta. A seguir a este incêndio, surgiu um plano de ordenamento da gestão da paisagem da serra de Silves e Monchique.

“Quando soubemos do plano, pensamos que era um milagre e que seria desta vez que se faria a transformação da floresta e da paisagem, haveria grandes investimentos e a recuperação seria feita. Mas depois deparamo-nos com um programa de restrição completa e sem nenhum investimento. As empresas florestais fizeram projetos e foram chumbados. Criou-se uma barreira e não se deixou desenvolver nada”, descreveu José Manuel Gonçalves, presidente da Junta de Freguesia de Alferce.

Os únicos apoios vieram da Biond, primeiro com o programa “Limpa e Aduba”, em que havia uma comparticipação privada e outra da associação, e depois, com o “Melhor Floresta”, que



O debate com Carlos Rocha, José Manuel Gonçalves, António Henriques e Margarida Guedes.

utilizou equipas locais, que estavam sem trabalho, para as operações de recuperação de quase 50 hectares na floresta de Alferce.

“O projeto da Biond é muito importante, apesar das grandes resistências dos proprietários nas reuniões iniciais, desconfiados de uma intervenção nos seus terrenos sem qualquer contrapartida. É complementar às outras ações que o município tem vindo a fazer. Dentro de cinco a 10 anos temos um território mais resiliente e com maior valor acrescentado do ponto de vista económico”, afirmou António Henriques, presidente da Câmara de Castanheira de Pera, para quem “é mais fácil e rápido ter uma floresta desordenada do que ordenar a floresta”.

Afastar os incêndios

Em junho de 2017, Pedrógão Grande foi o primeiro território a sofrer com os grandes incêndios que devastaram hectares e hectares de floresta e causaram a morte de 64 pessoas. O regresso à vida e à esperança da reconstrução, a partir das cinzas, foi difícil.

“Começou-se com o programa da Biond “Limpa e Aduba”, que parecia

ser pouca coisa, mas é demasiado importante, porque limpar e adubar melhora a rentabilidade da plantação. As pessoas foram percebendo e hoje há mais proprietários disponíveis para este programa, porque quando se cuida estamos a rentabilizar o poder económico, e, ao mesmo tempo, estamos a pôr trabalho e tecnologia na floresta, o que ajuda a economia local, e a diminuir o risco de incêndio na paisagem”, lembrou Margarida Guedes, presidente da Associação de Produtores Florestais de Pedrógão Grande.

A proprietária e dirigente da associação de produtores referiu ainda que, com o “Replantar Pedrógão, se pensava que o objetivo da Biond era replantar e ter o seu retorno futuro. Não foi assim, replantou eucalipto e fileiras de pinheiro, de medronheiro, mostrando que nas florestas cabem todas as espécies”.

Acrescentou que, em Pedrógão Grande, “a Biond foi a primeira, se não a única, entidade que, de algum modo, tentou que a nossa floresta de produção pudesse ser rentável e resiliente. Os incêndios não acabam com estas intervenções, mas, de certeza, que ficarão mais distantes e haverá menor incidência e menor capacidade”.

PRÉMIO

Floresta é Sustentabilidade

Uma iniciativa:



Premiados

Economia e Sociedade

Vencedor

Guadimonte - Cooperativa Agrícola Supramunicipal C.R.L

Vencedor

EMAC - Empresa Municipal De Ambiente De Cascais, E.M., S.A.
(Cascais Ambiente)

Menção Honrosa

Centro do Clima (Município da Póvoa de Varzim)

Inovação

Vencedor

Laboratório da Paisagem

Menção Honrosa

CoLAB ForestWISE

Menção Honrosa

AguiarFloresta - Associação Florestal e Ambiental
de Vila Pouca de Aguiar

Jornalismo

Vencedor: Imprensa escrita

João Luís Campos (Diário de Coimbra)

Vencedor: TV

Manuel Portugal (TVI)

Menção Honrosa: Imprensa escrita

Aline Flor (Público)

Menção Honrosa: TV

Daniela Santiago (RTP)

Escola

Vencedor

Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento
Rural de Cister, Alcobaça

Menção Honrosa

Escola Profissional de Vila do Conde Unipessoal Lda.

Menção Honrosa

Escola Profissional de Agricultura e Desenvolvimento
Rural de Vagos (EPADRV)

